

# A ILUSÃO DE REALIDADE ORAL A PARTIR DO EMPREGO DE GÍRIAS PELO NARRADOR NUM CONTO DE RUBEM FONSECA

Pablo Lemos Berned

## RESUMO<sup>®</sup>

Este trabalho preocupa-se em verificar o processo de construção da *ilusão de realidade oral* em *Botando pra quebrar*, conto retirado do livro **Feliz Ano Novo** (1975), de Rubem Fonseca. Para isso, enfatizou-se, dentre as *marcas de oralidade* presentes no texto, o vocabulário empregado no conto, especialmente no que concerne à utilização de gírias, relativo ao comportamento lingüístico do narrador-protagonista, dadas suas *variáveis sociais e psicológicas*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rubem Fonseca, linguagem oral, gíria, *ilusão de realidade*.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Percebe-se que existe, eventualmente, no universo ficcional, uma necessidade maior de afirmação da verossimilhança com o mundo empírico. Uma das estratégias utilizadas para tal finalidade é o emprego de uma linguagem que se pretenda a mais próxima possível da oralidade. Sabe-se que as fronteiras entre o texto escrito e o texto oral possuem pontos de contato; porém, o registro literário não encontra equivalência com uma transcrição verbal espontânea, podendo-se, sim, estreitar essas relações, de acordo com os objetivos aos quais se propõe determinada obra.

O *corpus* desta proposta de trabalho é o conto *Botando pra quebrar*, de Rubem Fonseca. Este é um dos quinze contos do livro **Feliz Ano Novo**, lançado em 1975 e proibido de ser publicado e circular em todo o território nacional em dezembro de 1976, pela ditadura militar, sob alegação de "exteriorizar matéria contrária à moral e os bons costumes". O objetivo deste trabalho é ater-se à linguagem do narrador de *Botando pra quebrar*, suburbano, desempregado, ex-presidiário, deixado pela namorada e que consegue um emprego de *leão de chácara* (porteiro de boate).

Este trabalho destina-se a analisar, na linguagem utilizada pelo narrador deste conto de Rubem Fonseca, as marcas lexicais que contribuem para a apresentação de uma "ilusão da realidade", no que se refere especialmente à presença de gírias. Para isso, relevar-se-á o *comportamento lingüístico* do narrador,

que se evidencia através de *variáveis sociais e psicológicas*. Antes, dar-se-á uma breve explicação acerca da oralidade na narração literária e as funções e objetivos da gíria.

## 1. Linguagem oral x linguagem literária

A *linguagem oral* é entendida como a linguagem empregada em uma situação de interação verbal entre falantes, diante de um comportamento verbal (PRETI, 2004). No entanto, consideram-se muito tênues as fronteiras que delimitam as diferenças entre a linguagem oral e a linguagem escrita, pois seu grau de formalidade é subordinado às *situações de interação*, como aponta o mesmo autor.

Em princípio, ter-se-ia uma separação entre o que se poderia chamar de *dialeto culto* e *dialeto popular*, que estariam intimamente relacionados com o grau de escolaridade do falante. No entanto, sabe-se que essa variação está, antes, ligadas aos mais variados papéis sociais que o falante desempenha nos mais variados contextos (PRETI, 2004). Assim, espera-se do indivíduo de maior instrução escolar um desempenho lingüístico mais amplo nesses diversos contextos sociais em que existe uma necessidade de interação verbal. Desse modo, para analisar o *comportamento lingüístico* deve-se considerar as *variáveis lingüísticas*, que podem ser de *ordem social e psicológica* e, associadas a uma situação de comunicação, podem fornecer pistas para uma análise próxima da realidade desse comportamento lingüístico (*ibidem*).

Já num texto literário, podem-se encontrar entidades ficcionais integradas em uma preocupação maior ou menor de uma *ilusão de realidade*; e um dos elementos que contribuiriam para a verossimilhança da obra com a realidade empírica é a linguagem empregada por cada personagem, dadas as *variáveis sociais e psicológicas* em determinada situação de interação verbal no plano ficcional.

A partir da figura do narrador, passa a existir um *verbo criador da linguagem*, que cria e governa o universo ficcional. No caso de um narrador em primeira pessoa, de sua voz emerge todo um mundo que se apresenta diante do leitor (DAL FARRA, 1978). E, ao considerar, mais especificamente, um *narrador-protagonista*, observa-se que a narração é dada "de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às

suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985). Assim, a própria *construção de personagens* (incluindo-se o narrador), entre outros elementos destacáveis, é dependente do ponto de vista de quem é incumbido de narrar.

Na linha da narrativa contemporânea, a narração em primeira pessoa não privilegia necessariamente uma visão de mundo a partir de uma determinada perspectiva:

ao contrário, não importa o que se narra, mas apenas quem está narrando; o texto funciona como uma espécie de apresentação dos meandros de uma subjetividade voltada para si mesma, ancorada na descrição de estados da alma difusos e inconsistentes, de alucinações e sensações indefinidas [...] (PELLEGRINI, 1994, p. 55).

A linguagem empregada nas narrativas contemporâneas tem dado preferência às formas assimiláveis por um público massificado formado pelos mecanismos de mercado que se estruturam pelos *best-sellers* americanos (*id.*). Enquanto essa narrativa nega uma pretensão de representar a vida ou de interpretá-la, ela se esforça em apresentá-la diretamente, exibindo, ao longo das narrativas, cenas imagéticas que se propõe a mimetizar uma realidade empírica.

A busca por uma *ilusão de realidade* pela literatura pode se dar em uma apropriação da oralidade através do texto escrito. Exploram-se as peculiaridades da língua falada decorrentes de uma gramática própria da oralidade, se comparada à gramática que tradicionalmente preocupa-se em normatizar a escrita. Neste trabalho a análise dar-se-á em nível lexical: como a recorrência de gírias (e palavrões)<sup>1</sup> em *Botando pra quebrar* colabora para a construção da aspirada *ilusão de realidade*.

## 2. A gíria

A gíria é um vocabulário que tem sido empregado com maior frequência pelos meios de comunicação de massa, visando atingir a um público maior, oriundo das classes populares. E sua aceitabilidade, em constante crescimento, é atribuída à abertura democrática das últimas décadas, que acabaram por fortalecer os meios de expressão populares (PRETI, 2004).

Considera-se a gíria um fenômeno *sociolinguístico*, de uso privilegiado em *situações de comunicação* adequadas. Seu emprego é atribuído às velozes mudanças de valores que cada vez mais motivam a competição e a agressividade. Os estudos sobre a gíria têm sido direcionados, como aponta Preti (2004), da seguinte forma: estuda-se a chamada *gíria*

*de grupo* cujo comportamento linguístico se afasta da maioria da população “seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade” (*ibidem*); ou estuda-se a *gíria comum*, em outra perspectiva de pesquisa, em que a gíria perde a exclusividade da sua significação dentro de um determinado grupo e incorpora-se ao léxico da linguagem popular.

Vários são os fatores que favorecem o uso de gírias na linguagem cotidiana. Preti (2004) aponta o *caráter secreto* (criptológico) da gíria, de forma que a significação dos vocábulos é preservada apenas para os iniciados a determinado grupo. Não ter sua fala entendida por pessoas alheias ao seu grupo social motiva uma *posição de superioridade*; e o uso de uma linguagem peculiar a um grupo restrito denota uma *necessidade de auto-afirmação* dos falantes. Com a assimilação de vocábulos pela *gíria comum* e a conseqüente perda do caráter secreto da gíria, há um constante movimento de inovação da linguagem, que inventa novos significados para marcar a diferença e manter a originalidade. Isso permite concluir que a gíria é um vocabulário em constante atualização, o que evidencia seu caráter *efêmero*. Motivam também o uso de gírias a *naturalidade* em uma interação verbal, quebrando formalidades e aproximando interlocutores, a *agilidade vocabular*, a *irreverência*, a *agressividade*, o *orgulho pessoal* e a *malícia*.

Para que seja possível atingir os objetivos aos quais este trabalho se propõe, é necessário movimentar-se pela *gíria de grupo*, da parcela da sociedade à margem do sistema, referente à linguagem própria do “submundo”, considerando a variável social de ex-presidiário, e a *gíria comum*. A partir dessa movimentação entre os dois campos vocabulares, é que se poderá analisar a linguagem empregada pelo narrador do conto *Botando pra quebrar*, no que se refere ao nível lexical, e sua importância para a proposta de *ilusão de realidade oral*.

## 3. O conto

O enredo de *Botando pra quebrar*, conto de Rubem Fonseca, consiste na narração de um ex-presidiário que deseja viver alheio de atividades ilícitas, para evitar voltar à prisão. Por estar desempregado, perde a sua companheira, mas consegue ser empregado como *leão de chácara*, porteiro de casa noturna. Durante o trabalho envolve-se em confusões e ao final é dispensado.

Ao longo da narrativa alternam-se o discurso direto e o discurso indireto livre. O discurso direto, ou seja, a transcrição da fala das personagens, é marcado pela presença dos verbos *discendi*: “qualquer verbo que denote o ato de falar” (SACCONI, 2001);

enquanto o discurso indireto livre acaba por reproduzir o pensamento de personagens, confundindo-se inclusive com a sua própria linguagem (*ib.*). Esse uso de ambos os discursos sugere que há uma *reprodução* da fala de *alguém* empenhado em narrar sua história.

As personagens com as quais o narrador interage verbalmente são: sua namorada, Mariazinha; Porquinho, sujeito que lhe oferece oportunidade de ganhar dinheiro via contrabando; um "chapa" seu, que o indica para o emprego de *leão de chácara*; o patrão, dono da casa noturna; Hermenegildo, cearense com quem Mariazinha decide se casar; e, na festa, enquanto trabalhava, com um travesti e com outros sujeitos com os quais o narrador-protagonista provoca uma briga generalizada.

Apesar de ser possível encontrar, ao longo de *Botando pra quebrar*, palavras e expressões referentes à gíria, percebe-se que a intensidade de recorrências desses termos alterna-se, principalmente com as *variações do estado psicológico* do narrador-protagonista frente às diferentes situações e personagens:

	SITUAÇÃO	DIALOGOS
Baixa recorrência de gírias; gírias comuns	Introdução: narrador sobre si mesmo	— — —
	Sobre Mariazinha	"porra"
	Sobre Hermenegildo	— — —
	Episódio sobre Porquinho	[Porquinho: "nufando"]
	Procura de emprego / "chapa meu"	— — —
	Recomendações do patrão	"deixa comigo" [Patrão: "bicha louca"; "orioulo"; "moleza"; "essa zona aqui é braba"]
Predomínio de gírias de nível pejorativo	Discussão com travesti e com o patrão sobre o travesti	"mãe-do-ano"; "travesti"; "cagalhão"; "piquido"; "cagalhão"; "viados"; "cupinchas"; "viados"; "bicha"; "virar o fio" [travesti: "besta"; "gerbêinha"]; [patrão: "porra"; "bichas"; "burro"]
	Descrição da festa	"caralho"
	Episódio do sujeito inconveniente	"puta"; "dando o fora"
	Narração do episódio da briga	"bolacha"
	Conversa com o patrão após a briga	"me arreventei todo"

	SITUAÇÃO	NARRAÇÃO
Baixa recorrência de gírias; gírias comuns	Introdução: narrador sobre si mesmo	"meio fudidão"; "aporrinhado"; "sem ver nenhum grude"
	Sobre Mariazinha	"defendia uma grana curta"; "pra mal dos meus pecados"; "quebrar a cara daquela filha da puta"; "grude"; "estar cheia de mim"; "puta merda"
	Sobre Hermenegildo	"filha da puta"; "matar de porrada"; "puta merda"
	Episódio sobre Porquinho	"muamba"; "transa"; "patolarem"; "filho da puta"; "cana"; "xadrez"; "fazer pouco de mim"; "bunda mole"
	Procura de emprego / "chapa meu"	"topando o que desse e viesse"; "escabreado"; "ruça"; "entrando em parafuso"; "chapa meu"; "pinta"; "parrudo e decidido"; "pinta"; "moitei"; "cana"; "bordejós"
	Recomendações do patrão	— — —
Predomínio de gírias de nível pejorativo	Discussão com travesti e com o patrão sobre o travesti	"bichona"; "fricotes"; "parla"; "puto"; "measureiro"; "bicha"; "baitola"; "sacana"; "rua da amargura"; "puta merda"
	Descrição da festa	"mina"; "o mundo estava cheio de otários"; "porcaria"; "grana"; "estar passando alguém para trás"; "otário fodido"; "música esporrenta"
	Episódio do sujeito inconveniente	"careta"; "fricote de bancar o machão desesperado indomável"; "babaca"; "homão"; "manjo"; "puta merda"; "sacaneado"; "pagode chinês"; "bestalhão"; "calhorda"; "botou o galho dentro"
	Narração do episódio da briga	"doidos"; "embucetar"; "bife no meio dos cornos"; "cagada"; "o pau quebrou"; "nego"; "foram pra pica"; "ourico"
	Conversa com o patrão após a briga	"rolo"; "puta merda"

Ver tabela completa em anexo.

Há uma série de gírias presentes na narração que marcam as *variáveis sociais* do narrador-protagonista. Podem-se encontrar esses termos na passagem referente ao traficante Porquinho: "muamba", "transa", "patolarem", "filho da puta", "cana", "xadrez", "fazer pouco de mim" e "dois bunda mole". Exemplos assim, de baixo poder depreciativo e relativos ao dia a dia do mundo do narrador, são as gírias mencionadas também na procura de um emprego: "topando o que desse e viesse", "escabreado", "ruça", "entrando em parafuso", "chapa meu", "pinta", "moitei", "cana" e "bordejós".

No início do conto, o narrador-protagonista diz-se “meio fudidão” e “aporrinhado”, denunciando pelo intermédio de gírias uma variável psicológica. Nos diálogos com Mariazinha, percebe-se que, quando é apresentada sua interação em discurso direto, o único termo de gíria encontrado é a interjeição “porra”. Nos trechos em que se refere a ela, são utilizados os termos “defendia uma grana curta”, “pra mal dos meus pecados”, “devia quebrar a cara daquela filha da puta”, “grude” e a interjeição “puta merda”. É baixa a recorrência de gírias também em seu encontro com Hermenegildo. Por momentos o narrador-protagonista tem ímpetos de utilizar-se da violência, o que justifica os termos “filha da puta” e “matar de porrada”, além da interjeição “puta merda”, embora não apareçam gírias em seu discurso direto.

Na festa, encontra-se o narrador-protagonista trabalhando. No momento em que este barra a entrada de um travesti da alta sociedade e segue-se uma discussão com o patrão, são verificáveis os seguintes vocábulos: “bichona”, “fricotes”, “parla”, “puto”, “measureiro”, “bicha”, “baitola”, “sacana”, “rua da amargura” e “puta merda”. No mesmo episódio, são presentes no discurso direto do narrador-protagonista: “mãe-do-ano”, “travesti”, “piçudo”, “cagalhão”, “viadões”, “cupinchas”, “viados”, “bicha”, “virar o fio”. Devem ser consideradas, na alta recorrência de termos de cunho depreciativo, as *variáveis psicológicas* que permeiam este trecho (presente no sexto parágrafo do conto):

NARRADOR- PROTAGONISTA	EPISÓDIO COM TRAVESTI	NARRAÇÃO	“uma bichona”; “a bicha”; “o puto”; “o bicha”; “o baitola”.
		DIÁLOGO	“madame”; “senhora”
	EPISÓDIO COM PATRÃO	DIÁLOGO	“travesti”; “piçudo”; “cagalhão”; “viadões”; “cupinchas”; “outros viados”; “bicha”; “medo de virar o fio”

É possível estabelecer uma gradação nessa alta recorrência de termos de cunho depreciativo. Num primeiro momento, enquanto narra seu diálogo com o travesti, o narrador-protagonista utiliza-se de termos pejorativos que indicam a sexualidade do outro. No entanto, contrastam no seu diálogo, a utilização de termos indicadores de respeito. Até então as *variáveis sociais* estabelecem o comportamento lingüístico do narrador, adequando-se ao processo de interação entre empregado – cliente, embora tivesse recebido a ordem de não permitir a entrada de “bicha louca, crioulo e traficante” na festa.

Decorrente da ordem recebida, prontamente seguida pelo protagonista, estabelece-se uma discussão entre empregado – patrão (“Será que você não sabe que existem bichas nos altos escalões e essas a gente não barra? Vê se usa um pouco de inteligência. Só porque você é leão de chácara não precisa ser tão burro”, ralha o patrão). Percebe-se que, diante da repreensão recebida, a seleção lexical empregada pelo narrador evidencia sua *variável psicológica*. Um maior número de termos insultuosos é pronunciado, acompanhando a “irritação” do narrador-protagonista durante a discussão.

Ainda na festa, após a discussão com o patrão, o narrador-protagonista apresenta suas impressões acerca da festa; encontram-se os seguintes termos: “mina”, “otários”, “porcaria”, “passando alguém para trás”, “otário fodido”, “música esporrenta”, e, em discurso direto para um garçom, diz: “patrão é o caralho”. O patrão havia-o chamado para expulsar do interior da casa noturna um sujeito que teria bebido demais e encontrava-se exaltado. Nesse trecho são encontradas as expressões: “careta”, “fricote de bancar o machão desesperado indomável”, “babaca”, “homão”, “manjo”, “puta merda”, “sacaneado”, “pagode chinês”, “bestalhão”, “calhorda” e “botou o galho dentro”. Os termos “puta” e “dando o fora” encontram-se no discurso direto do narrador-protagonista, ainda na mesma ocasião.

Por fim, em uma ansiedade de provocar uma briga, já que provavelmente seria despedido ao fim da noite, em virtude da discussão com o patrão, o narrador-protagonista motiva uma briga generalizada. Encontram-se, nessa passagem, os termos: “doidos”, “embucetar”, “bife no meio dos cornos”, “cagada”, “o pau quebrou”, “nego”, “foram pra pica” e “ouriço”, além de “bolacha”, no discurso direto. Ainda tem-se os termos “rolo” e “arrebentei”, no discurso direto, e a interjeição ao final do conto, “puta merda”, após exigir do patrão uma gratificação por ter se ferido ao defender a casa noturna.

A adoção de uma *gíria de grupo* “faz parte da personalidade dos falantes que fazem questão de demonstrar que pertencem a determinado grupo social” (PRETI, 2004). A linguagem empregada no conto marca o conflito estabelecido com a sociedade, pois é associada com a malandragem, a violência e o ambiente de prisão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se constatar que existe baixa incidência de termos de gíria quando há referências à Mariazinha e ao Hermenegildo, possivelmente por fazerem parte de um ambiente familiar, trabalhador e honesto. As poucas gírias que aparecem nesses casos assemelham-

se à maioria das gírias citadas quando há referências ao Porquinho e durante a procura de emprego. É um vocabulário que evidencia uma *variável social*, marcando um ambiente de rua, suburbano.

Já a predominância de termos pejorativos está nos episódios do travesti, da discussão com o patrão e das impressões da festa, que ficam marcados através das seleções lexicais certo preconceito e a revolta. E a narração do momento da briga evidencia termos predominantemente ligados à violência. Nesses episódios consideram-se as *variáveis psicológicas* do narrador-protagonista para apontar seu comportamento lingüístico.

As marcas de oralidade em um texto literário constituem-se como uma estratégia para dar à obra "um tom mais realista" (PRETI, 2004), uma *ilusão de realidade*. Embora se reconheça que a estratégia de adoção de uma linguagem oral em narradores em primeira pessoa limita-se, muitas vezes, ao léxico (*idem*). E o uso de gírias como fator importante nas marcas de oralidade utilizadas em *Botando pra quebrar* pode ser visto como pertinente para acentuar o humor, a ironia, a agressividade e o tom injurioso que esse vocabulário possui e que faz relação direta com a constituição do narrador-protagonista e do universo ficcional.

A partir do momento em que o leitor é envolvido pela atmosfera do texto de ficção, ele aceitará esse universo que se apresenta como *possível de acontecer*. E a partir da perspectiva vista de função do uso de gírias, existe a possibilidade de ser estabelecido um paralelo entre o mundo empírico e o universo ficcional, que as utiliza para fins de construção de uma *ilusão de realidade oral*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAL FARRA, Maria Lúcia. O Narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira. São Paulo: Ática, 1978.
- FONSECA, Rubem. **Feliz Ano Novo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEITE, Lígia Chiappini M. **O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985 (Série Princípios)
- PELEGRINI, Tânia. *A narrativa brasileira contemporânea: emergência do pós-modernismo*. In: **Semana de Letras – Instituto de Letras**. PUCCAMP: Campinas SP, 1994.
- PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RECTOR, Mônica. A linguagem da juventude: uma pesquisa geosociolingüística. Petrópolis RJ: Vozes, 1975.

SACCONI, L.A. **Nossa Gramática: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva (Atual), 2001.

## NOTAS

<sup>0</sup> Trabalho apresentado à disciplina de Dialetologia do Português, no segundo semestre de 2005, sob orientação da Profª. Karina Giacomelli.

<sup>1</sup> Neste trabalho, não se faz diferença entre gíria e calão. Segundo Mattoso Câmara (*apud* RECTOR, 1975, p.41), o calão é um aspecto da gíria, em sua modalidade mais baixa, designando a linguagem caracterizada por termos obscenos ou, pelo menos, grosseiros.

## ANEXO

	SITUAÇÃO	DIÁLOGOS	NARRAÇÃO
Baixa recorrência de gírias; gírias comuns	Introdução: narrador sobre si mesmo	----	"meio tudidão"; "aporrinhado"; "sem ver nenhum grude".
	Sobre Mariazinha	"porra"	"defendi uma grana curta"; "pra mal dos meus pecados"; "quebrar a cara daquela filha da puta"; "grude"; "estar cheia de mim"; "puta merda".
	Sobre Hermenegildo	----	"filha da puta"; "matar de porrada"; "puta merda".
	Episódio sobre Porquinho	{Porquinho: "ruiando";}	"muamba"; "transa"; "patolarem"; filho da puta"; "cana"; "xadrez"; "fazer pouco de mim"; bunda mole".
	Procura de emprego: "chapa meu"	----	"lopendo o que desse e viesse"; "escabreado"; "ruça"; "entrando em parafuso"; "chapa meu"; "pinta"; "parrudo e decidido"; "pinta"; "moitei"; "cana"; "bordejos".
	Recomendações do patrão	"deixa comigo" {Patrão: "bicha louca"; "crioulo"; "moleza"; "essa zona aqui é braba"}.	----
Predomínio de gírias de nível peiorativo	Discussão com travesti e com o patrão sobre o travesti	"mão-dô-ano"; "travesti"; "cagalhão"; "piçudo"; "cagalhão"; "viadões"; "rupinchas"; "viados"; "bicha"; "virar o fio" travesti: "besta"; "gentinha"; {patrão: "porra"; "bichas"; "burro"}.	"bichona"; "tricotês"; "parla"; "puto"; "measureiro"; "bicha"; "baitola"; "sacana"; "rua da amargura"; "puta merda"
	Descrição da festa	"caralho"	"mina"; "o mundo estava cheio de otários"; "porcaria"; "grana"; "estar passando alguém para trás"; "otário fodido"; "música esporrenta".
	Episódio do sujeito inconveniente	"puta"; "dando o fora"	"carela"; "tricote de bancar o machão desesperado indomável"; "babaca"; "homão"; "manjo"; "puta merda"; "sacaneado"; "pagode chinês"; "bestalhão"; calhorda"; "botou o galho dentro"
	Narração do episódio da briga	"bolacha"	"doidos"; "embucetar"; "bife no meio dos cornos"; "cagada"; "o pau quebrou"; "négo"; "foram pra pica"; "ouingo".
	Conversa com o patrão após a briga	"mê arrebentei todo"	"mô"; "puta merda"